

EURÍPEDES KÜHL

# ANIMAIS

## NOSSOS IRMÃOS

**petit**<sup>®</sup>  
editora

Rua Atuaí, 389 – Vila Esperança/Penha  
CEP 03646-000 – São Paulo – SP  
Fone: (0xx11) 2684-6000

[www.petit.com.br](http://www.petit.com.br) | [petit@petit.com.br](mailto:petit@petit.com.br)





# “HISTÓRIA D’UM CÃO”

*por Luis Guimarães*

Eu tive um cão. Chamava-se Veludo;  
Magro, asqueroso, revoltante, imundo;  
Para dizer numa palavra tudo  
Foi o mais feio cão que houve no mundo.

Recebi-o das mãos d’um camarada  
Na hora da partida. O cão gemendo  
Não me queria acompanhar por nada:  
Enfim – mau grado seu – o vim trazendo.

O meu amigo cabisbaixo, mudo,  
Olhava-o... o sol nas ondas se abismava...  
“Adeus” – me disse –, e ao afagar Veludo  
Nos olhos seus o pranto borbulhava.

“Trata-o bem. Verás como rasteiro  
Te indicará os mais sutis perigos;  
Adeus! E que este amigo verdadeiro  
Te console no mundo ermo de amigos.”

Veludo a custo habituou-se à vida  
Que o destino de novo lhe escolhera;  
Sua rugosa pálpebra sentida  
Chorava o antigo dono que perdera.

Nas longas noites de luar brilhante,  
Febril, convulso, trêmulo, agitando  
A sua cauda – caminhava errante  
À luz da lua – tristemente uivando.

Toussenel, Figuier e a lista imensa  
Dos modernos zoológicos doutores  
Dizem que o cão é um animal que pensa:  
Talvez tenham razão estes senhores.

Lembro-me ainda. Trouxe-me o correio,  
Cinco meses depois, do meu amigo  
Um envelope fartamente cheio:  
Era uma carta. Carta! Era um artigo

Contendo a narração miúda e exata  
Da travessia. Dava-me importantes  
Notícias do Brasil e de la Plata  
Falava em rios, árvores gigantes:

Gabava o “steamer” que o levou; dizia  
Que ia tentar inúmeras empresas:  
Contava-me também que a bordo havia  
Mulheres joviais – todas francesas.

Assombrava-se muito da ligeira  
Moralidade que encontrou a bordo:  
Citava o caso duma passageira...  
Mil cousas mais de que me não recordo.

Finalmente, por baixo disso tudo  
Em nota bene do melhor cursivo  
Recomendava o pobre do Veludo  
Pedindo a Deus que o conservasse vivo.

Enquanto eu lia, o cão tranquilo e atento  
Me contemplava, e – creia que é verdade –  
Vi, comovido, vi nesse momento  
Seus olhos gotejarem de saudade.

Depois lambeu-me as mãos humildemente,  
Estendeu-se a meus pés silencioso  
Movendo a cauda – e adormeceu contente  
Farto d’um puro e satisfeito gozo.

Passou-se o tempo. Finalmente um dia  
Vi-me livre daquele companheiro;  
Para nada Veludo me servia,  
Dei-o à mulher d’um velho carvoeiro.

E respirei! “Graças a Deus! Já posso”  
Dizia eu “viver neste bom mundo  
Sem ter que dar diariamente um osso  
A um bicho vil, a um feio cão imundo.”

Gosto dos animais, porém prefiro  
A essa raça baixa e aduladora  
Um alazão inglês, de sela ou tiro,  
Ou uma gata branca cismadora.

Mal respirei, porém! Quando dormia  
E a negra noite amortalhava tudo,  
Senti que à minha porta alguém batia:  
Fui ver quem era. Abri. Era Veludo.

Saltou-me às mãos, lambeu-me os pés ganindo,  
Farejou toda a casa satisfeito;  
E – de cansado – foi rolar dormindo  
Como uma pedra, junto do meu leito.

Praguejei furioso. Era execrável  
Suportar esse hóspede inoportuno  
Que me seguia como o miserável  
Ladrão, ou como um pérfido gatuno

E resolvi-me enfim. Certo, é custoso  
Dizê-lo em alta voz e confessá-lo:  
Para livrar-me desse cão leproso  
Havia um meio só: era matá-lo.

Zunia a asa fúnebre dos ventos;  
Ao longe o mar na solidão gemendo  
Arrebentava em uivos e lamentos...  
De instante a instante ia o tufão crescendo.

Chamei Veludo; ele seguiu-me. Entanto  
A fremente borrasca me arrancava  
Dos frios ombros o revoltado manto  
E a chuva meus cabelos fustigava.

Despertei um barqueiro. Contra o vento,  
Contra as ondas coléricas vogamos;  
Dava-me força o torvo pensamento:  
Peguei num remo – e com furor remamos.

Veludo à proa olhava-me choroso  
Como o cordeiro no final momento.  
Embora! Era fatal! Era forçoso  
Livrar-me enfim desse animal nojento.

No largo mar ergui-o nos meus braços  
E arremessei-o às ondas de repente...  
Ele moveu gemendo os membros lassos  
Lutando contra a morte. Era pungente.

Voltei a terra – entrei em casa. O vento  
Zunia sempre na amplidão, profundo.  
E pareceu-me ouvir o atroz lamento  
De Veludo nas ondas moribundo.

Mas ao despir dos ombros meus o manto  
Notei – oh, grande dor! – haver perdido  
Uma relíquia que eu prezava tanto!  
Era um cordão de prata: – eu tinha-o unido

Contra o meu coração constantemente  
E o conservava no maior recato,  
Pois minha mãe me dera essa corrente  
E, suspenso à corrente, o seu retrato.

Certo caíra além no mar profundo,  
No eterno abismo que devora tudo;  
E foi o cão, foi esse cão imundo  
A causa do meu mal! Ah! Se Veludo

Duas vidas tivera – duas vidas  
Eu arrancara àquela besta morta  
E àquelas vis entranhas corrompidas.  
Nisto senti uivar à minha porta.

Corri – abri... Era Veludo! Arfava:  
Estendeu-se a meus pés –, e docemente  
Deixou cair da boca que espumava  
A medalha suspensa da corrente.

Fora crível, oh Deus? – Ajoelhado  
Junto do cão – estupefato, absorto,  
Palpei-lhe o corpo: estava enregelado;  
Sacudi-o, chamei-o! Estava morto.



O autor desse lírico e não menos monumental (em todos os sentidos...) poema, ora apresentado na ortografia original, Luis Caetano Pereira Guimarães Júnior, nasceu no Rio de Janeiro, em 1845, e desencarnou em Lisboa, em 1898. Diplomata de carreira, serviu em diversos países. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

Aqui, em alguns instantes, esse cantar dolorido parece vir das entranhas mais recônditas da alma de alguém desterrado, ficando difícil definir se o espelho da solidão e da saudade refletia o viajante ou seu cão...

Os sentimentos do poeta indicam que talvez tenham sido inspirados nele próprio – sua vida nômade, como acontece com os diplomatas – deixando para trás lembranças, amores, saudades.

Na infância, lendo a “História d’um Cão”, num dos tomos de *O Tesouro da Juventude*, fiquei dias e dias impressionado com o discurso nele embutido, em defesa dos animais.

Difícilmente a fidelidade, a humildade e o perdão, virtudes aqui atribuídas aos cães e tão deslembadas entre muitos homens, encontrarão paralelo narrativo como este.

Sensibilizado pelo poema, seguramente, isso muito influenciou minha postura para com os animais, desde então.

E, a cada leitura, tanto a partir da primeira quanto agora, já decorridos cinquenta anos, gotas de pranto orvalham-me o rosto.

- 2 -

## A TERRA

Supõe a Ciência que nosso planeta teria se formado há aproximadamente 4,5 bilhões de anos, a partir de uma porção gasosa, de altíssima temperatura, que teria se desprendido do Sol.

Há outra hipótese científica: concentração de nuvens gasosas, as quais, nesse caso, teriam formado todo o sistema solar.

A última hipótese configura que a tremenda massa concentrada, em movimento expansionista pela vastidão cósmica, girando em grande velocidade, teria feito desprender porções incandescentes, que teriam originado os planetas.

Tais porções, por força da lei de atração dos corpos, tornaram-se cativas da massa central, tendo elas próprias movimentos orbitais eternos.

Em ambas as hipóteses, temos que a Terra é “filha” do Sol.

A porção que constituiu a Terra, deslocando-se ao redor do Sol numa órbita elíptica, teve, desde o início, a velocidade constante



de aproximadamente 108 mil km/h (velocidade de translação); esse movimento é chamado de “revolução” e se dá num plano imaginário, cuja órbita é da “eclíptica” (círculo máximo na esfera celeste, o qual corresponde à órbita aparente do Sol em volta da Terra).

– Por dia, a Terra percorre 2,5 milhões de km!

Girando sobre si mesma (movimento de rotação), durando 24h cada giro completo, essa matéria tendeu a arredondar-se, além de, paulatinamente, perder calor e, em consequência, resfriar-se. Nesse resfriamento essa gigantesca massa gasosa teria se condensado e decantado, enrijecendo e fraturando sua camada exterior, por enrugamento.

De seu núcleo, até hoje fundente, pouco se sabe.

O centro da Terra está a 6.366 km da superfície e é constituído de níquel e ferro em estado de fusão, a uma temperatura que oscila de 2.500 a 5.000°C. Por sua composição, esse núcleo recebeu o nome de “NIFE” (nome formado pelas primeiras sílabas dos elementos citados).

As notícias mais concretas a respeito desse núcleo são dadas periodicamente pelos vulcões, quando ativos, funcionando eles como autênticas “válvulas de segurança planetárias”.

A solidificação da superfície terrestre fez surgirem as rochas, as quais emanavam grandes quantidades de gases e vapores.

Absolutamente impróprio a qualquer espécie de vida conhecida, tal ambiente durou aproximadamente 2 bilhões de anos, fazendo da Terra um panorama indescritível e quase inimaginável: predominavam violentíssimas tempestades, erupções vulcânicas constantes, raios, furacões etc.

A atmosfera formou-se de espessas camadas de nuvens que envolveram e escureceram todo esse “novo” corpo celeste, por milhões e milhões de anos.

A tendência tinha que ser mesmo o resfriamento, até porque tal barreira impedia a chegada dos raios solares.

A eletricidade acumulou-se em proporções fantásticas.

Em condições ideais, o hidrogênio e o oxigênio se uniram molecularmente, e inimagináveis quantidades de vapor se formaram.

Ao se condensar, todo esse vapor recebeu o bombardeio das tremendas forças energéticas vindas de *baixo* (emanação de calor, gases e tempestades da superfície terrestre) e de *cima* (raios solares que desde então – e para sempre – chegavam e chegam ao planeta).

Então, choveu!

Torrencialmente, por séculos e séculos...

Enormes porções da crosta terrestre foram submersas.

Mares e oceanos foram formados de águas escaldantes.

Tais águas acabaram por se resfriar, resfriando igualmente as rochas sobre as quais repousaram, após incontáveis mudanças de local, em movimentos de acomodação de que atualmente sobraram quase que imperceptíveis vestígios (maremotos).

Nascentes naturais deram origem e perpetuidade a incontáveis lagos e rios. Nos rios, as águas sempre afloram, por escoamento dos lençóis hidrográficos; nos lagos, estabilizam a vazante, acomodando-se.

Assim, aos poucos, milênios perpassando sobre milênios, a calma envolveu as águas.

A temperatura, decaindo enormemente, dividiu a Terra em locais gelados (polos), zonas quentes (trópicos) e zonas temperadas (regiões intermediárias); em razão da órbita em torno do Sol, com afastamento progressivo para retorno compulsório e exato no tempo, surgiram as estações climáticas.

Dois bilhões de anos tinham decorrido...



Estudos científicos, utilizando simulações em computador sobre o comportamento dos planetas vizinhos, demonstraram que a Terra – e somente a Terra, em todo o sistema solar – possui condições de abrigar vida inteligente.

Os dados, recentes, são das revistas *Science*, dos EUA, e *Nature*, da Inglaterra, e, naturalmente, reportam-se ao modelo terreno de vida, ou semelhante a ele.

Atividades vulcânicas variando enormemente as temperaturas ambientes; nuvem de gases ácidos envolvendo o planeta; mudança do eixo de tempo em tempo; grandes modificações climáticas; planetas, com enormes massas e satélites de dimensões bem menores que as da Lua etc. Tais foram alguns dos impedimentos à vida, que foram observados em planetas como Marte, Vênus, Júpiter e Saturno.

Já o planeta Terra, “o bem comportado da turma”, a Lua, com sua formidável força gravitacional, prende-o a um eixo fixo, gerando clima estável, dividido em estações definidas, que se repetem regularmente ano a ano.

Dois planetas gigantes são verdadeiros guardiões terrestres: Júpiter, 318 vezes a massa da Terra, e Saturno, 95. Protegem-na contra cometas, atuando como “espanadores”, enviando-os para o espaço interestelar, evitando que eles se choquem com ela, bem como com os demais planetas do sistema solar.

Isso há bilhões de anos!

Ao girar em torno do Sol, a Terra mantém fixo seu eixo, levemente inclinado em relação a ele. Os cientistas estão convencidos de que tal inclinação se deve, também, à influência gravitacional da Lua.

Concluem os estudiosos que sem a Lua não haveria vida na Terra, pois o clima seria irregular.

Calculam os astrônomos norte-americanos que no universo conhecido há pelo menos 4.000 planetas com um ambiente semelhante ao terrestre; neles, deve haver satélites similares ao nosso; e vida também, como a nossa!

Conhecendo todos esses fatos, cada vez mais a Ciência se curva ante a grandeza do Criador, “Inteligência Suprema e Causa Primária de todas as coisas”, segundo Kardec fez constar como resposta à questão primeira de *O Livro dos Espíritos* (“O que é Deus?”).

Temos assim que muitos cientistas, primeiro através do cérebro e depois do coração, da admiração a Deus passam a amá-Lo, transformando-se em “pobres de espírito” (humildes, brandos e pacíficos), os quais são, segundo Jesus, os bem-aventurados herdeiros da Terra e do reino dos céus. (Mateus, 5:3-4).

## A LUA

Simultaneamente à criação da Terra, foi criada a Lua.

Sua origem e primeiros tempos em tudo se assemelharam à Terra.

A grande diferença entre ambas é que depois de 3 bilhões de anos a atividade interna lunar cessou; os enormes meteoritos que a bombardearam desde o início tornaram-se mais raros; com o resfriamento, houve a solidificação da superfície (o núcleo, relativamente pastoso, tem uma temperatura central estimada em 1.500°C).

Os dados sobre a estrutura e as temperaturas lunares foram confirmados pelas seis missões **Apolo**, sob responsabilidade dos EUA.

Todavia, é muito pouco o que se sabe sobre nosso satélite.

O Espírito Emmanuel, no livro *A Caminho da Luz*,<sup>1</sup> leciona que a Lua é fundamentalmente uma âncora do planeta Terra, proporcionando:

---

1. *A Caminho da Luz*, Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, cap. I, p. 20, 13. ed., 1985, FEB, RJ/RJ.

- equilíbrio nos movimentos eternos de translação;
- forças de estabilização planetária;
- ação decisiva na criação e reprodução de todas as espécies.

## Marés

A Lua tem órbita cativa em redor da Terra, realizando seu próprio deslocamento e, em consequência, provocando as marés.

Pelas marés, duas vezes ao dia as águas dos mares sofrem fluxo e refluxo.

Igualmente isso ocorre com lagos, lagoas e mesmo rios, porém é imperceptível em face dos volumes considerados.

Das marés, tanto quanto da Lua, pouco se sabe.

– O que teria levado a Natureza (Deus) a criá-las?

Ainda não existe resposta convincente.

O futuro, certamente, reserva para a humanidade o uso dessa verdadeira bênção.

De nossa parte, talvez até com alguma imprudência, comparamos as marés com as pedras preciosas aventando seu emprego:

- são eternas e multimilenárias;
- são extremamente atraentes;
- seu estudo, quanto à formação, instiga a imaginação;
- sua finalidade ainda não foi definida.

Das pedras preciosas, tirante as joias, ou seu emprego comercial como elevados ativos financeiros, a Ciência as empregará, seja em fibras óticas, em medicina nuclear, em eletrônica, ou como instrumentos de radiocomunicação espacial.

Das marés, pela hidrodinâmica (estudo matemático dos movimentos dos líquidos), por certo os homens extrairão infindáveis aplicações, valendo-se de tão colossal, inesgotável e límpida fonte de energia.



## A VIDA

*Provavelmente é folclore:*

*Os Apóstolos, que muito admiravam a grande sabedoria de Jesus, nem por isso perdiam uma oportunidade para, mesmo respeitosamente, testá-la. Assim é que sabendo que Ele passaria por um caminho onde jazia um cachorro morto, em decomposição, aguardaram qual seria a reação do Mestre diante da carniça daquele animal.*

*Jesus, quando se aproximou do animal morto, exclamou:*

*“Que dentes maravilhosos, vocês não acham?”...*

A vida, em todas as suas pujantes manifestações, através dos reinos da Natureza, oferece-nos elementar entendimento da obra de Deus ao criar o Universo.

Pelo grau de importância astronômica do nosso planeta e sua colocação no “ranking” das grandezas celestes, e principalmente pelo incrível número de espécies vivas que abriga (algumas das quais com bilhões de “representantes”, como a hominal), podemos conjeturar que há vida além da Terra – muita Vida!

Ficando, contudo, apenas onde nossos pés se firmam – aqui, no nosso mundo –, sabemos que a vida surgiu após os vertiginosos movimentos das águas e das fantásticas solidificações de matéria.

O calor abrasador ambiental do início, consequência das altíssimas temperaturas originais das massas em acomodação, acrescido do permanente influxo solar, cedeu lugar, aos poucos, a uma relativa estabilização térmica.

Assim, dois bilhões de anos passados desde sua origem, a Terra ofereceu condições para a ocorrência das primeiras combinações moleculares de elementos químicos mais leves, tais como: hidrogênio, sódio, magnésio, carbono, azoto, oxigênio, fósforo, cálcio, ferro etc.

Tais elementos, e muitos outros, iriam compor a argamassa de revestimento dos seres vivos que estavam por chegar...

Recentemente foi descoberto em um sítio próximo da cidade de *Marble Bar*, no oeste da Austrália, um grupo de 11 linhagens de micróbios fossilizados há cerca de 3,465 bilhões de anos. “Os fósseis ora achados assemelham-se às bactérias atuais (seres procariatas – os mais primitivos do planeta, desprovidos da membrana celular, que organiza o material genético da célula)”.<sup>2</sup>

Obs.: Com isso, a Ciência “empurrou” em 1,3 bilhão de anos para trás a data do início da vida na Terra, pois, até então, 2,2 bilhões de anos atrás eram estimados como o começo.

Como se vê, são relativas as certezas científicas, pois, à medida que a tecnologia avança, mais o homem-pesquisador sente a grandeza divina, da qual tanto ainda estamos distantes...

Sabemos hoje que no átomo há incrível e permanente movimentação, pelo que morte, no sentido lato da palavra, não existe! Os seres vivos, quando deles se ausenta o princípio vital, desagregam-se

---

2. *Folha de S.Paulo*, 30 de abril de 1993. (N.A.)



molecularmente, permanecendo, contudo, a pujante vida atômica dos seus compostos.

Embora fazendo alusão à perfeita estética e funcionalidade dos dentes, não seria essa a verdadeira mensagem do Cristo ante o cão morto?

Quanto à Lua, em suas diferentes posições no espaço (variações denominadas fases), recebendo a luz solar, passou a refleti-la na Terra, interagindo decisivamente no clima terrestre.

O lar estava pronto...

Aí, nesse preciso ambiente, surgiu a vida!

Primeiramente, formas elementares de vida aquática: seres unicelulares.

Depois, em terra firme, plantas e animais superiores.

Hipoteticamente, há 65 milhões de anos, um grande meteoro teria colidido com a Terra, na região do México, provocando intensas nuvens de poeira. Essas nuvens formaram, durante anos, barreira intransponível aos raios solares e, sem fotossíntese, desapareceram da face do planeta várias espécies de plantas e de grandes animais (herbívoros, na maioria).

Relativamente à fotossíntese, convém refletirmos: trata-se de reação bioquímica nas plantas verdes, caracterizada pela absorção de carbono e liberação de oxigênio, em quantidades correspondentes.

Nesse processo, a luz é fator decisivo: estima-se que anualmente 20 bilhões de toneladas de carbono (da atmosfera) são fixadas pelas plantas terrestres e mais 15 bilhões pelas algas. Finalmente: todos os seres vivos são inteiramente dependentes dela.

Escoando-se os milênios, chegamos a um milhão de anos atrás: surge a espécie humana!

Outras centenas de milhares de anos foram necessárias para que o homem adquirisse a forma atual, através de transformações sucessivas.

Mas o maravilhoso fenômeno da vida, expressão divina que nos contempla e envolve a todos (plantas, animais e homens), merece que sejam alocadas nesta obra pequenas considerações, análises e proposições que a esse respeito o homem logrou alcançar.

A seguir, com o socorro da Química e da Física para a parte material e da Doutrina Espírita para a parte espiritual, vamos, talvez com ousadia (que rogamos ao Supremo Criador relevar), alinhar os processos da vida.

## **Corpos inorgânicos**

Corpos inorgânicos são aqueles desprovidos de vida (minerais, por exemplo). Segundo as hipóteses científicas aceitas relativas à origem da Terra, a massa que a originou era uma tremenda fornalha. Pelos movimentos de translação e de rotação, uniformes e de relativa intensidade, tendeu para a forma arredondada, ligeiramente achatada nos polos.

Ao longo dos milênios, essa fantástica caldeira espacial foi se resfriando, decantando as substâncias primitivas que se encontravam no ar, em estado gasoso. A precipitação dessas substâncias e o meio ambiente de então proporcionaram sua combinação, pela lei de afinidade molecular: formaram-se as diferentes variedades de carbonatos, sulfatos etc., que de início foram dissolvidos nas águas e depois depositados na superfície do solo.

A existência de grande quantidade de água em nosso planeta decorre de uma sábia programação dos Engenheiros da Espiritualidade Cósmica: pela afinidade recíproca entre o oxigênio e o hidrogênio, desde o início fomos contemplados com três quartas partes desse elemento – tanto o planeta como os seres orgânicos!

Essa programação já deixa entrever que os seres que iriam habitar a Terra a ela se assemelhariam quanto à sua constituição e nela encontrariam meios permanentes de sobrevivência.

Avançando o relógio do Tempo em 2 bilhões de anos terrestres, vamos encontrar o planeta Terra com meio ambiente adequado a hospedar seres vivos.

É indispensável o socorro da Química para a compreensão da Gênese: somente com as leis da afinidade molecular passou a ser possível compreender-se a formação planetária e o surgimento dos seres vivos.

Com efeito, demonstra a Química, numa das suas observações experimentais, que os corpos sólidos (inorgânicos, primeiramente) formam-se a partir da cristalização.

***Cristalização:** fenômeno pelo qual se dá formas regulares a certas substâncias, quando submetidas a condições adequadas de pressão e temperatura, passando do estado líquido ou gasoso para o estado sólido.*

## **Seres orgânicos**

Seres orgânicos são aqueles que possuem organismo (órgãos dispostos em seres vivos), isto é, possuem vida.

A lei que formou os minerais é a mesma que formou os seres vivos.

Decomposição e análise química dos seres vivos demonstram que são constituídos dos mesmos elementos dos seres inorgânicos.

Considerando que as diferentes proporções dos elementos constitutivos determinam a formação das diferentes substâncias (diversos minerais), assim também frutos, essências, folhas, madeiras etc., tanto quanto nervos, músculos, gordura, matéria cerebral etc., são formados pela combinação de determinados elementos.

Todos os elementos orgânicos (dos seres vivos) são formados de substâncias inorgânicas!

Em outras palavras: vegetais e animais são formados por átomos, tanto quanto os minerais.

Desde os primórdios da Alquimia e modernamente com os avanços tecnológicos colocados à disposição da Química, o homem

vem criando diariamente novos produtos. Mas sempre usando os mesmos elementos constitutivos, variando tão somente as condições laboratoriais e as quantidades empregadas.

Vejam os alguns exemplos, na Natureza (índices percentuais):

ELEMENTO FINAL	CARBONO	HIDROGÊNIO	OXIGÊNIO
Açúcar de cana	42,470	6,900	50,630
Açúcar de uva	36,710	6,780	56,510
Álcool	51,980	13,700	34,320
Óleo de oliva	77,210	13,360	9,430
Gordura animal	78,996	11,790	9,305

(Fonte: A Gênese, Allan Kardec, cap. X, “Gênese Orgânica”)

O açúcar de cana, submetido a processo de fermentação, transforma-se em álcool; esse, submetido ao processo de destilação, transforma-se em aguardente; essa, reagindo quimicamente no organismo humano, interage no metabolismo, modificando a química do sangue e das funções vegetativas; se resulta de início em fonte de calor para o corpo, tal “benefício” é aparente e enganoso, pois provoca danos físicos inumeráveis na ponta final das reações que estimula. E o que dizer das consequências psíquicas?

*Obs.: – nesse simples exemplo já podemos perceber o quanto há de interligação entre nós e o mundo, eis que a utilização ou consumo de minerais (no caso citado, em infeliz combinação de processos) podem influenciar até o Espírito;*

*– noutro exemplo, este positivo, vemos que elementos constitutivos originais, em feliz combinação, promovem a evolução: todos os seres vivos tendem ao desenvolvimento físico, graças aos processos indutivos da sua assimilação e transformação; assim é que, pelos efeitos da nutrição, uma criança, por exemplo, pesando poucos quilos ao nascer, em alguns anos já terá multiplicado muitas vezes seu peso (assimilação ultrapassando a desassimilação); é que, além da multiplicação celular, ao recém-nascido incorporaram-se os alimentos, os quais pelos processos digestivos fazem aumentar em volume e resistência os músculos, nervos, ossos etc.*

Como elementos básicos dos corpos orgânicos encontram-se o oxigênio, o hidrogênio, o nitrogênio e o carbono; os demais elementos existem em condições acessórias. As proporções de tais elementos determinarão as resultantes orgânicas e suas propriedades.

Fácil imaginar que as quantidades de elementos constitutivos conduzem ao infinito as quantidades e variedades das substâncias possíveis de serem criadas.

Indispensável, apenas, sempre considerar as condições de operação: circunstâncias propícias (temperatura/pressão/dinâmica/inércia).

A Natureza, nesse caso, é o imenso laboratório, que já a partir da criação planetária começou a promover condições para os seres que seriam seus futuros habitantes.

Em nossas considerações é preciso relembrar a necessidade de toda uma série sequencial de fenômenos físicos para que, em situações propícias, os elementos constitutivos se agreguem e formem as substâncias minerais e vegetais. Aí, num intenso trabalho de elaboração, pela lei das afinidades, as moléculas agitam-se, atraem-se, aproximam-se ou separam-se; das incontáveis combinações são formadas infinitas substâncias.

Plantas exuberantes na umidade ou no frio, ou mesmo sob as águas, sucumbem no calor tropical, tanto quanto a vegetação dos desertos jamais prolifera em regiões de baixa temperatura.

Pode-se imaginar quantos milênios levou a criatura humana para formar as plantações: se todos os vegetais conhecidos existiam na face terrestre, juntá-los em quantidades consideráveis (lavouras) há de ter sido tarefa paciente e tenaz, atributo exclusivo da civilização!

Animais vivem e proliferam em regiões ou locais adequados, sempre em razão das condições climáticas próprias a cada espécie; transferi-los para regiões que não ofereçam esses mesmos elementos ou condições ambientais é praticamente decretar sua morte.

Os vegetais e os animais têm seu “habitat” natural ordenadamente distribuído sobre a superfície terrestre ou nas águas. Para o homem, porém, a natureza foi mais pródiga, pois a criatura humana tem condições de adaptar-se aos diferentes meios ambientes, de frio ou calor, mesmo mudando bruscamente de latitudes; verdade que o relógio biológico humano necessita de algum tempo para tal adaptação, mas inegável que essa constitui tremenda vantagem sobre os demais seres vivos.

Mais uma vez pensamos na grandeza espiritual dos Construtores Siderais que assim fizeram o corpo humano, prevendo que grandes, dramáticas e constantes seriam as migrações...

Considerando a imutabilidade das Leis Naturais, não nos dificulta à razão deduzir que a organização dos seres vivos terrenos assim foi desde o início e assim o será até que a evolução espiritual trace novos sistemas de vida.

*Notável o exemplo das sementes de trigo, que, encerradas por milênios no interior das grandes pirâmides egípcias, germinaram prontamente tão logo foram lançadas em terreno propício.*

*Seu princípio manteve-se inalterado o tempo todo!*

*Sem aprofundarmos tais considerações, o que nos conduziria a desvios do texto, lembramos que os “bancos de esperma e de óvulos” re-produzem de forma artificial e similar aquele fato natural...*

## **Fluido Cósmico (“Sopro Divino”)**

Jamais uma pequenina semente, uma simples formiga ou qualquer outro inseto podem ser criados num laboratório; no entanto, a Química atual realiza prodígios científicos de composição, decomposição e reconstituição de corpos inorgânicos.

– O que impede à Ciência tal evento, aparentemente tão corriqueiro?

Nesse ponto torna-se indispensável o socorro providencial das informações de alto conteúdo moral e filosófico, apresentadas por Espíritos Protetores.

O livro *A Gênese*, de autoria de Allan Kardec, cuja primeira edição foi publicada em 1868, na França, é obra de consulta obrigatória a quem quiser adentrar no entendimento de tão atraente assunto.

Com propriedade e de forma altamente pedagógica são ali expostos todos os pontos que interligam o *material* ao *espiritual*: o que faz com que a matéria tenha vida!

Como resposta-resumo (e quase todos os resumos pecam por insuficiência) podemos citar dois pontos, ambos de ordem filosófica, ditados pelo Espírito Galileu, através de processo mediúnico, em 1862 e 1863, na Sociedade Espírita de Paris:

### **Matéria cósmica primitiva<sup>3</sup>**

A origem do Universo está absolutamente fora do conhecimento humano.

Sabe a Ciência que, antes de nosso sistema solar, outros já existiam.

A Eternidade está atrás e adiante de nós!

Sem atribuir a Deus o “Princípio de Tudo”, não há como formular quaisquer elucubrações ou ilações referentes à Gênese Universal.

Assim, só encontraremos calmante à questão da origem, aceitando Deus como causa primeira e inteligência suprema do Universo, Criador permanente de tudo e de todos!

Permeando todos os espaços interplanetários, não deixando um único e mínimo espaço vazio na vastidão dos espaços siderais, vamos encontrar o “Fluido Cósmico Universal”, que emana do Criador e proporciona todas as criações, presidindo a Vida, em seu estado latente, a todos os seres.

*Obs.: o átomo talvez seja pequena demonstração do Sopro Divino: todos os átomos têm núcleo e carga positiva, rodeados de elétron(s), esse(s) em*

---

3. *A Gênese*, Allan Kardec. cap. 6. Uranografia geral, item 17.

*órbita nuclear estável; dentro dessa realidade, muitas vezes, neles, não existe a morte; permitindo-nos ligeira e respeitosa abstração, imaginamos que Jesus, já então conhecedor dessa verdade, teria elogiado os dentes do cão morto, como poderia ter elogiado igualmente o impressionante ativo dos átomos que formavam aquela matéria que se transformava, retornando à origem...*

## **Princípio Vital**

O estado latente da matéria, orgânica ou inorgânica, não importa, é que proporciona condições para a geração da vida, seja no mundo que for.

À vida atômica, sempre presente em tudo, alia-se outra forma de energia a que Kardec denominou de “Princípio Vital”.

*Princípio vital: é o princípio energético pelo qual os elementos constitutivos se agrupam, em formas simétricas, o que explica a repetição das mesmas formas nos seres de uma mesma espécie – plantas e animais.*

Ainda em *A Gênese*, cap. VI, número 18, em mensagem mediúnica, diz-nos o Espírito Galileu (e essa informação algumas tradições religiosas corroboram) que existem outros reinos naturais de vida, além dos conhecidos, dos quais nem suspeitamos.

– Que reinos naturais seriam esses?

Como simples especulação:

– seriam os duendes, as fadas, os gnomos?

– seriam os chamados “elementais naturais”?

O aspecto mais importante do princípio vital é o fato de ser comum a todas as espécies orgânicas, vegetais e animais, *enquanto vivas*. Sua existência é indiscutível, conquanto sua natureza não possa ser cientificamente definida:

– basta arrancar uma simples folha de uma árvore, e essa folha já não o possui;



- o fenômeno da morte não subtrai nenhum material do ser, no entanto ele se torna inerte (sem vida).

Mecanismo pelo qual a vida se processa, certamente de forma infinita e eterna como tudo o que provém de Deus, o princípio vital nos permite deduzir que, ante o que a Natureza nos mostra, o Supremo Arquiteto do Universo criou sempre – antes, agora, depois – incessantemente!

Roga Galileu que ninguém baseie sistemas quaisquer sobre suas palavras.

“Minhas palavras” – continua humilde – “não se prestam a edificar raciocínios metafísicos, preferindo mil vezes calar-me antes de que alguém me ouça e se perca nos dédalos inextricáveis do deísmo ou do fatalismo”.

Fazendo coro a tal advertência, posiciona-se Kardec quanto a tudo o mais, no tocante à Fé: “Somente é inabalável a fé que pode encarar a Razão face a face, em todas as épocas da Humanidade”.<sup>4</sup>

Coroando todos os esforços humanos na busca da origem das coisas, o Espiritismo abre cortinas para o entendimento de tão transcendental questão.

Apoiando seus postulados na Lógica, estimula o homem a apoiar-se no Espírito tanto quanto na Ciência, para, unidos os dois vetores, acatar Deus de forma raciocinada, o que propende o ser a amá-Lo integralmente.

A propósito, a Ciência já considera incontestável quanto aos seres orgânicos:

- a) diferem fundamentalmente dos inorgânicos por possuírem uma energia, uma força, que lhes confere o fenômeno denominado vida;

---

4. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Allan Kardec, cap. 19, Item 7, p. 213, 1. ed. 1997, Petit, SP/SP.

- b) quando essa “força” está ausente ocorre o fenômeno chamado morte, pelo qual se deterioram e se decompõem;
- c) todos possuem essa “força”, a qual independe dos atributos “instinto”, “inteligência” e capacidade de pensar;
- d) inteligência e capacidade de pensar são atributos apenas da espécie superior – os homens;
- e) espécies inferiores – animais irracionais – possuem instinto altamente desenvolvido, porém, apenas fragmentos de inteligência, a qual não lhes é contínua, isto é, não se encadeia para a solução de problemas; nos vegetais, igualmente, nota-se a presença do instinto: no direcionamento para a luz, por exemplo;
- f) os homens igualmente possuem instinto, mas pouco desenvolvido, já que a inteligência lhes supre em muito maior escala as suas necessidades;
- g) a espécie humana, dentre todos os seres vivos, é a única que possui um senso moral especial, pelo qual seus procedimentos podem ser direcionados, a seu arbítrio, para o bem ou para o mal;
- h) todos trazem em si, como bagagem, o instinto de conservação e da perpetuação da própria espécie;
- i) todos evoluem, aprimorando-se geneticamente, adaptando-se às eventuais transformações do meio ambiente (tais adaptações são lentas, mas inexoráveis, pois que delas depende, muitas vezes, a própria sobrevivência da espécie; quando o meio ambiente sofre mudanças bruscas, os animais guiam-se pelo instinto, migrando para regiões adequadas, retornando, tão logo seu “habitat” natural volte às condições anteriores; a hibernação, para alguns animais, é outro processo que garante a continuidade da vida).